



DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS
CAMINHOS DA MISSÃO

PRODUZEM FRUTOS
DE UMA VIDA SANTIFICADA

DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS
CAMINHOS DA MISSÃO

PRODUZEM FRUTOS
DE UMA VIDA SANTIFICADA

2016 - 2017

Carta Pastoral do Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Colégio Episcopal 2016/2017

Bispo Adonias Pereira do Lago – Presidente

Bispo João Carlos Lopes – Vice-Presidente

Bispa Marisa de Freitas Ferreira – Secretária

Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

Bispo José Carlos Peres

Bispo Roberto Alves de Souza

Bispo Carlos Alberto Tavares Alves

Secretário Executivo do Colégio Episcopal

Bispo Stanley da Silva Moraes

Secretária Executiva para Vida e Missão

Joana D'Arc Meireles

Revisão

Neusa Cezar da Silva

Diagramação

Alixandrino Design

Capa

Alexandre Tavares

A ilustração faz analogia com caminho, árvore e frutos de uma vida santificada (piedade e misericórdia) enraizados na Bíblia.



www.angulareditora.com.br

contato@angulareditora.com.br

Tel.: (11) 2813-8605

Angular Editora é um Departamento da Associação da Igreja Metodista,
CNPJ nº 33.749.946/0001-04, Inscrição Estadual nº 143.803.462.113

Sumário

- 04 **Prefácio**

- 05 **Capítulo 1 - Discípulas e Discípulos nos Caminhos da Missão**
- 06 Discípulas / Discípulos
- 10 Caminhos
- 13 Missão

- 17 **Capítulo 2 – Produzem frutos de uma vida santificada**
- 18 Introdução
- 19 Produzindo frutos
- 21 Frutos de uma vida santificada

- 27 **Capítulo 3 – Ênfases Missionárias e Objetivos**
- 28 Ênfases Missionárias
- 34 Objetivos

Prefácio

De depois de, nos últimos dois biênios, termos como nossa motivação o tema “Discípulas e discípulos nos caminhos da missão”, enfatizando nos anos de 2012 e 2013 “cumprem o mandato missionário de Jesus” e nos anos de 2014 e 2015 “formam uma comunidade de fé, comunhão e serviço”, chegamos ao biênio 2016 e 2017 preparados para desenvolver os nossos dons e ministérios motivadas e motivados pelo tema: “Discípulas e Discípulos nos caminhos da missão produzem frutos de uma vida santificada”.

Os bispos e a bispa escreveram a carta que se segue para motivar as igrejas, as lideranças e todo povo metodista a que produzam frutos de uma vida santificada.

Esta carta está organizada em três capítulos:

1) Discípulas e discípulos nos caminhos da missão - O tema do sexênio 2012 – 2017.

2) Produzem frutos de uma vida santificada. Este capítulo trata do tema deste biênio de 2016 – 2017 e está organizado em dois subtemas: 1. Produzindo frutos e 2. Frutos de uma vida santificada.

3) Ênfases missionárias e Objetivos.

Aproveite esta carta pastoral para avançar nos caminhos da missão, desenvolvendo novas ações afirmativas.

Bispo Adonias Pereira do Lago
Presidente do Colégio Episcopal.

Capítulo 1

**Discípulas e Discípulos nos
Caminhos da Missão**

Aprofundando o tema do sexênio (2012-2017)

O tema motivador do sexênio 2012-2017 trabalha com três conceitos importantes que desejamos ampliar: discípulo/a; caminho e missão.

“Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos.” (Jo 8.31)

Discípulas / Discípulos

Às vezes, algumas palavras podem sofrer distorções de interpretação. Não é diferente com relação ao termo discípulo ou discipulado. Esta palavra não tem a ver com “fechamento”, “adestramento”, “bitolamento”, “manipulação” etc. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define: discípulo - 1. Aprendiz, aluno; 2. Aluno disposto a continuar o trabalho do seu mestre; 3. Seguidor de ideia, ideal etc.

O Dicionário Ilustrado da Bíblia, Editora Vida Nova, define o verbete discípulo como “estudante, aprendiz ou pupilo”. Na Bíblia, a palavra é muitas vezes usada para se referir a um seguidor de Jesus e é raramente usada no Antigo Testamento. Isaías usou o termo “discípulo” para se referir àqueles que eram ensinados ou instruídos (Is 8.16). A palavra discípulo é, por vezes, usada de maneira mais específica para indicar os doze apóstolos de Jesus, um grupo mais íntimo dos seus seguidores (Mt 10.1; 11.1; 20.17; Lc 9.1). Mas também pode se referir a um grupo maior de seguidores do Mestre, tais como as mulheres que observavam Jesus na cruz e que descobriram o sepulcro vazio. Jesus chama seus/suas discípulos/as nos caminhos concretos da Galileia de sua época. Ele os orientou a experimentar a radicalidade da mensagem do Reino de Deus logo no início de seu ministério terreno: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). Assim, Ele os convida para segui-lo de forma desprendida e incondicional (Mc 1.16-20).

Numa leitura rápida dos Evangelhos, percebemos Jesus chamando vários segmentos de pessoas para segui-lo, por exemplo, Pedro, André, Tiago e João (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.1-11).

As experiências do chamado podem se repetir em diferentes circunstâncias: Pedro, Tiago e João na experiência da transfiguração (Mt 17.1-8); diante da perspectiva da morte no Getsêmani (Mt 26.36-46); em oposição ao desejo de dominação e orgulho (Mt 20.20-23); após a morte e ressurreição de Jesus (Mt 28.16).

O grupo de mulheres contido na narrativa da paixão do Senhor era composto por seguidoras que vinham “desde a Galileia” (Mt 27.55-56). Maria Madalena e a outra Maria são mencionadas nominalmente no texto de Mateus 27.55-56,61 e 28.1). Curiosamente, os doze são chamados de “apóstolos” apenas no registro de Mateus 10.2. Os Evangelhos descrevem com muita propriedade as características e atitudes essenciais a um/a discípulo/a, à luz do projeto traçado por Jesus: tomar a cruz (Mt 16.24-28; Mc 8.34; Lc 9.23-27); viver para servir (Mt 10.24); obedecer (Mt 8.22); ser fiel (Lc 16.10; Mt 24.21); ter ousadia, coragem, intrepidez (At 2.14-15; 2Co 3.12; Ef 3.12); amar o Senhor acima de todas as coisas (Mt 10.21-37); ser prudente (Mt 10.16); sofrer perseguições como resultado da fidelidade ao projeto do Reino de Deus (Mt 10. 25-34); produzir frutos (Mt 21.24; Jo 15.5; Gl 5.22); cumprir o mandato missionário de Jesus – fazer discípulos, batizar e ensinar (Mt 28. 19-20; Mc 16.15; Lc 24.44-49); tomar a cruz e segui-lo (Mt 10.38; Mc 15,21; Gl 6.14); perseverar na comunhão, no partir do pão e na oração incessante (At 2.42-47) etc.

Também o Sermão do Monte (As bem-aventuranças - Mt 5-6) contém diretrizes para o caráter do discípulo e discípula, assim como o chamado “ensino da missão” (Mt 10-12) e os desafios do mandamento do perdão (Mt 18). Seguir a Jesus envolve conhecer os seus ideais, os seus ensinamentos e viver os valores maiores do Reino de Deus.

O discípulo ou discípula é fundamental no projeto de Jesus Cristo. A formação de uma equipe (Mc 3.13-19) aponta a intenção de Jesus no companheirismo, na intimidade, no sonho coletivo, bem como a delegação do seu poder para serem cooperadores para noticiar a Boa Nova do Evangelho. Os/as discípulos/as são as testemunhas fiéis dos sinais do Reino de Deus neste mundo e aprendem as maravilhas insondáveis das promessas deixadas durante o ministério terreno de Jesus. Eles crescem

na vida de oração, na partilha da Palavra de Deus e seguem, em obediência, ouvindo e acolhendo o seu chamado: “deixando tudo, o seguiram” (Lc 5.11b).

Nós, metodistas, reconhecemos a importância de uma igreja florescendo com os discípulos e as discípulas.

Assim, fundamentando na vida da Igreja a nossa compreensão de discipulado, à luz das orientações do Colégio Episcopal no Manual do Discipulado número 1: “O discipulado é o modo de vida, o estilo que caracteriza a vida daqueles que estão comprometidos com o Reino de Deus, que fazem da Nova Justiça, ou seja, dos valores éticos e da justiça do Reino uma prioridade na sua vida e que se dedicam integralmente ao serviço cristão, ao evangelismo e ao testemunho, em cumprimento à vontade de Deus [...]”.

O discipulado é um estilo de vida, uma maneira de ser em que as pessoas se relacionam, entram em comunhão, acolhem umas às outras, compartilham o que são, sentem e carecem, oram uma pelas outras, louvam e adoram ao Senhor juntas, estudam a Palavra à luz da graça, da experiência e razão da comunidade da fé. Nesse sentido, vivem e cumprem a Palavra que diz:

- levar os fardos uns dos outros (Gálatas 6.1-2);
- acolher-se mutuamente conforme Cristo os acolheu (Romanos 15.7);
- apoiar e ser o suporte uns aos outros (Colossenses 3.13; Romanos 15.1);
- perdoar-se mutuamente (Efésios 4.32);
- expressar o amor mútuo (Efésios 5.1-2).

Mateus 28.18-20 apresenta uma das mais importantes tarefas da Igreja: evangelização e discipulado. Para cumpri-la, a Igreja é enviada em direção às multidões que sofrem desespero, desânimo, injustiça, descrença, morte, doença, opressões de toda sorte, violências, exploração. Jesus afirma que a missão dos discípulos é a de evangelizar e fazer discípulos/as, ou seja, cumprir a Grande Comissão. São três as ênfases de Jesus:

1. FAZER DISCÍPULOS/AS: “Fazer” é o verbo central desta frase. Os demais - “ide”, “batizar” e “ensinar” - são participios no original grego e qualificam o verbo central. Portanto, “indo”, “batizando” e “ensinando”

não são ordens separadas de Jesus e fazem parte integral da Grande Comissão. O acento do texto não está no “idé”. É a parte do “fazer discípulos/as”. “Fazer discípulos/as” inclui todas as dimensões da vida humana e da fé decorrente da experiência do conhecimento de Deus. A ideia de fazer discípulos/as de Jesus, por todas as partes onde a Igreja está e pode ir, torna-se um ato de resistência e de motivação para o cumprimento da missão. De resistência porque a Igreja não esmorece em meio às lutas e dificuldades; de motivação porque o ardor da missão está presente na vida dos cristãos e cristãs.

2. GUARDAR O QUE VOS TENHO ORDENADO: O “fazer discípulos”, como centro da Grande Comissão, leva em conta todas as coisas que Jesus ordenou e não apenas aquelas selecionadas para o ato do batismo e do ensino doutrinário. Está presente aqui a integridade do ensino de Jesus. Aliás, por quatro vezes, Jesus usa a expressão “todo” nos versículos lidos. Integridade indica o batismo como sinal do compromisso com o Reino de Deus; o ensino, como edificação comunitária (não meramente individualista e desassociada da vida da pessoa) e o serviço, como decorrência da experiência do conhecimento de Deus.

3. EIS QUE ESTOU CONVOSCO: No cumprimento da Grande Comissão, Jesus declara que estará presente com a sua Igreja. Ela não estará sozinha na realização da vontade de Deus. Assim aconteceu durante a história do povo de Deus no Antigo Testamento, pois quando ele chamava, garantia a sua presença, com o que fortalecia a pessoa ou o povo. Em outras palavras, somos convidados a testemunhar seguros de que Deus está sempre presente conosco.

4. A ESTES DOZE ENVIOU JESUS: O texto de Mateus 10.5-7 é a chave para compreender todo o capítulo 10 deste evangelho, chamado de Sermão Missionário. Este sermão é proferido após Jesus ter observado as necessidades das multidões: cansadas, angustiadas, como ovelhas sem pastor (Mt 9.35-10.1). O povo que seguia a Jesus vivia numa situação caótica, enfrentando vários problemas e sentindo “na pele” a situação de pobreza, desesperança, dúvida, com o que a infidelidade a Deus tomava conta de toda a Palestina.

Havia muita gente sem emprego, sem casa, sem destino seguro e, principalmente, sem esperança.

A situação de aflição e desespero comove Jesus (Mt 9.36). Ele, então, se

dirige aos discípulos e, tendo em mente o quadro descrito anteriormente, os envia ao encontro das multidões, com o propósito de atender às necessidades: buscar as ovelhas perdidas (10.6); anunciar a chegada do Reino de Deus (10.7); curar os enfermos, libertar os oprimidos e restaurar os marginalizados (10.8).

Caminhos

“Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.” (Jo 14.6)

A. PALAVRA CAMINHO COM MUITOS SIGNIFICADOS: Constantemente, somos desafiados a procurar um caminho, ou ainda, uma saída para uma situação indefinida. Os habitantes dos grandes centros urbanos utilizam recursos como a internet e aparatos tecnológicos para saber os melhores caminhos até seus destinos. A imagem do caminho é usada em todas as ilustrações da vida humana: vida pessoal, familiar, profissional etc. Sempre estamos perguntando: Qual o caminho a seguir? Para aonde vamos? Qual o caminho para conseguir um emprego? Um casamento? Para resolver um problema? Qual o caminho para a vida cristã vitoriosa? Qual é o caminho da maturidade?

B. CONCEITOS: O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa explica esse verbete: “1. faixa de terreno que leva de um lugar a outro; 2. rumo, direção (tomou o caminho de novo); 3. trajeto, rota (seguiram pelo mesmo caminho); 4. Fig. maneira de atingir um objetivo.” Em todas as circunstâncias do nosso viver estamos diante de um caminho, uma rota etc.

C. AMPLIANDO O CONCEITO: O Dicionário Ilustrado da Bíblia explica: “caminho: estrada, via, passagem ou rodovia. A palavra é usada de modo figurado no Antigo Testamento como sinônimo da maneira de viver de uma pessoa justa ou ímpia (Sl 1.6). No Novo Testamento, a palavra é normalmente usada como metáfora de comportamento moral (Mt 7.13-14; 2Pe 2.15). O caminho de uma pessoa pode levá-la a uma vida em que se esquece de Deus (Jo 8.13) e marcada pela iniquidade (Pv 2.13). O caminho de uma pessoa também pode ser iluminado pela

Palavra de Deus (Sl 119.105). Jesus lembrou aos discípulos que ele era o único caminho para chegar a Deus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). No livro de Atos, a expressão “o caminho” foi a forma de os inimigos da igreja se referirem com desprezo ao movimento dos cristãos. Semelhantemente à palavra “cristão”, esse termo de menosprezo foi ostentado pelos seguidores de Jesus (At 9.2; 24.14,22). Quando usada literalmente, a palavra caminho refere-se uma vereda (Gn 49.22).

D. CAMINHOS DA VIDA: Os discípulos e discipulas precisam estar nos caminhos da vida, à semelhança dos caminhantes de Emaús (Lc 24.13-35), que foram impactados pela presença de Jesus, tendo os olhos abertos e os corações aquecidos nos caminhos da missão. O mesmo deve acontecer conosco hoje. Cabe ainda indagar: Quais os caminhos percorridos por Jesus? Quais os caminhos dos discípulos e discipulas? Os Evangelhos são claros ao apontar que Jesus seguiu o caminho do Pai, ou seja, realizando a sua vontade (Jo 4.31-38). Nos caminhos da Galileia do seu tempo, Jesus anunciou as maravilhas e os desafios da mensagem transformadora do Reino de Deus. O caminho percorrido por Jesus não foi o caminho do templo, da Sinagoga, mas junto às pessoas feridas e marginalizadas pelo sistema do seu tempo: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.” (Mt 9.35-38). Realmente, são poucos os trabalhadores que querem sair de sua “zona de conforto”. No caminho que Jesus trilhou está o nosso mapa para realizar a missão do Pai.

E. DESAFIO BÍBLICO: O Evangelho de Lucas 4.1-13 relata que Jesus passou quarenta dias no caminho do deserto, preparando-se para o exercício da missão conferida pelo seu Pai. Ao sair dali, apresentou a sua plataforma missionária baseada em Isaías 61.1.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor.” (Lc 4.18-19)

F. CHAMADOS/AS, PREPARADOS/AS E ENVIADOS/AS: Os discípulos e as discípulas, a partir do ensino de Jesus, são chamados, preparados e enviados para compartilhar, nas estradas da vida, os desígnios de Deus. Foram convocados para que as palavras de vida fizessem diferença nos relacionamentos mais diversos. Por exemplo, as instruções contidas em Marcos 6.7-13 e Lucas 10.4-12 são tangíveis e transformadoras: “saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, unguindo-os com óleo.” (Mc 6.12-13). Portanto, não bastava anunciar a proximidade do Reino de Deus, mas era necessário fazê-lo presente nas mais profundas necessidades do povo. O Reino de Deus e o Evangelho de Cristo estão nos caminhos da vida.

G. O LUGAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA: O Plano Nacional Missionário orienta que “o lugar para agir, missionariamente, a partir da igreja local, é o bairro, a cidade, a nação e o mundo, privilegiando a todos que sofrem as múltiplas formas de opressão e injustiças”. O prof. Rui de Souza Josgrilberg afirma: “A teologia traça o roteiro do caminho por meio das Escrituras que o peregrino deve seguir. Mas o caminho deve ser traçado somente se as referências concretas forem igualmente tomadas em consideração na junção da Palavra e da prática. Aqui o provérbio de Antônio Machado, poeta espanhol, é pertinente: ‘fazes o caminho ao caminhar’. Wesley afirma em seus Sermões que a fé autêntica não é fé em doutrinas religiosas, mas a fé ou é vivida concretamente ou não é fé. “A fé verdadeira” é essa na qual andamos, na qual vivemos, com a qual nós produzimos o abundante fruto do amor, as obras, a certeza, e uma vida nova” (Uma teologia que nasce da e para a vida: “A Teologia da Salvação” ou “Cristianismo prático de John Wesley”).

H. O CAMINHO DA SALVAÇÃO: Devemos estar no caminho da salvação, à luz do testemunho de Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Jesus abriu o trilho da salvação, que nos conduz para os caminhos da missão. Todos nós sabemos do apelo de John Wesley: “O mundo é a minha paróquia”. O prof. José Carlos Barbosa, em seu livro “Unidade e Santidade” diz: as duas coisas que Wesley queria entre os metodistas, nos conduzem no seguinte desafio: “somos parecidos com os dois caminhantes de Emaús. Voltamos para a casa e nem nos damos conta da presença e dos esforços feitos pelo ressuscitado para nos devolver ao caminho. Só que o partir do pão já não tem para nós a mesma afetividade. Há muitos entulhos

atrapalhando a nossa percepção e nos fazendo errar o caminho. Só um milagre pode nos curar dessa morbidez e fazer com que recoloquemos Cristo no centro da história. Só um milagre para nos devolver à nossa grande tarefa. Só um milagre pode nos ajudar a entender que caminho da Igreja não é o caminho do sucesso e da sedução [...]. A compreensão wesleyana a respeito da graça de Deus pode ser uma importante contribuição nesse esforço de nos devolver ao caminho. E já no início João Wesley nos diria com toda clareza e ênfase possível que viver a graça de Deus não significa de modo algum viver confortavelmente, acrescentando a essa vida agradável as aspirações místicas. Ele nos diria que viver essa graça significa erguermos-nos todas as manhãs e retomarmos a nossa cruz onde deixamos no dia anterior. Ele nos diria que o cristianismo sem cruz não passa de torpe devaneio, que é exatamente neste turbilhão da cruz que Deus sempre melhor nos encontra”. (BARBOSA, 2007, p. 67-68)

“Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!” (Hb 13.20-21)

Missão

Sem dúvida, o núcleo dessa Carta Pastoral é o entendimento acerca da missão. Todas as nossas motivações, programações, planejamentos em todas as áreas da Igreja precisam passar pelo caminho da missão. Os discípulos e as discípulas não caminharam em torno dos seus projetos, mas a partir do projeto estabelecido por Jesus.

A. O QUE SIGNIFICA MISSÃO? Os dicionários definem missão: incumbência, encargo, dever a cumprir, obrigação etc. Quem recebe uma missão está a serviço e tem uma grande responsabilidade sobre os seus ombros, objetivando cumprir a tarefa que lhe foi delegada.

B. A MISSÃO É DE DEUS: A Igreja não é o verdadeiro centro da missão, mas a missão está na revelação do amor de Deus em Jesus Cristo.

Por isso, a trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) é a nascente da missão. O escritor de Hebreus declara:

“Antigamente, por meio dos profetas, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados, mas nestes últimos tempos ele nos falou por meio do seu filho. Foi ele quem Deus escolheu para possuir todas as coisas e foi por meio dele que Deus criou o universo. O filho brilha com o brilho da glória de Deus e é a perfeita semelhança do próprio Deus. Ele sustenta o universo com a sua palavra poderosa. E, depois de ter purificado os seres humanos dos seus pecados, sentou-se no céu ao lado direito de Deus, o todo poderoso” (Hb 1.1-3).

Por isso, o teólogo Emil Brunner definiu com muita propriedade: “A igreja vive pela missão como o fogo existe pela chama”. Igreja e missão caminham juntas. Da mesma maneira, a missão gera unidade e evangelização, testemunho e serviço.

C. O REINO DE DEUS É O NOSSO ALVO: A Igreja Metodista, por meio de seus documentos, tem definido que: “A missão de Deus no mundo é estabelecer o Seu Reino. Participar da construção do Reino em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizadora da Igreja.

O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isso está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito Santo está fazendo brotar, como temos em Romanos 8.23: “temos as primícias do Espírito, [...] aguardando a adoção de filhos”, ou ainda, em 2 Coríntios 1.21-22: “Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também selou e nos deu o penhor do Espírito Santo em nossos corações” (PVMI, 2012, p. 88).

D. IGREJA VOCACIONADA PARA A MISSÃO: A razão de ser da Igreja está no fato de ela ser vocacionada para a missão. São prioritárias as ações que promovem a vida nova em Cristo Jesus, a justiça, a paz e o bem-estar das pessoas e da sociedade em geral. Por isso, é preciso “manter fidelidade aos fundamentos da fé cristã e obediência ao mandato de Cristo. Sendo assim, nós, bispa e bispos da Igreja, reafirmamos que “somente a missão justifica a presença da Igreja no mundo” (PNM, 2011, p. 15).

E. A IGREJA LOCAL, NASCEDOURO DO COMPROMISSO MISSIONÁRIO: O lugar para que a missão tenha fertilidade é “a partir da igreja local, o bairro, a cidade, a nação, o mundo”, tendo como fundamento a prática missionária de Jesus Cristo (Mt 9.35-38; Lc 4.16-20). De igual maneira, o exercício da missão precisa ser movido pela dinâmica do Espírito Santo: “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). As discípulas e os discípulos realizam com fidelidade, obediência, esperança e amor o chamado vocacional de Jesus Cristo: “Vem e segue-me”. Todas as pessoas que seguem a Cristo são enviadas nos caminhos da missão para produzir um discipulado vigoroso e cheio do Espírito Santo.

“Precisamos de uma pneumatologia (doutrina do Espírito Santo) profética, crítica e transformadora da realidade brasileira; carismática (vivida na sua diversidade dos dons, ministérios e serviços concedidos pelo Espírito Santo, livremente a todos os crentes), comunitária (o povo sobrepondo à máquina burocrática e às lideranças personalistas) e missionária (voltada para fora da instituição metodista em direção ao povo brasileiro)”

(Relatório do Colégio Episcopal ao 15º Concílio Geral da Igreja Metodista).

Wesley foi enfático: “Vamos todos ter um só objetivo. Vivamos só para isto, para salvar as nossas almas e as almas daqueles que nos ouvem” e novamente: “Dê-me cem pregadores que nada tenham senão o pecado e nada desejem senão Deus, e não me importo que sejam clérigos ou leigos, tais homens sozinhos abalarão as portas do inferno e estabelecerão o reino de Deus na terra”.

Capítulo 2

**Produzem frutos de uma
vida santificada**

Produzem frutos de uma vida santificada

Introdução

No sermão da montanha, Jesus afirmou “Nem todo o que me diz Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor, porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mateus 7.21-23).

Para Jesus, a evidência da experiência com Deus estava no fruto de obediência, produzido como consequência da experiência: o coração transformado e o caráter mudado.

A verdade, entretanto, é que o ser humano tem a tendência de preferir experiências místicas espetaculares à rotina da obediência. Preferimos a emoção do “alto da montanha” à dos frutos de uma vida transformada. Você e eu conhecemos pessoas que falam muito desse ou daquele “encontro espiritual” que tiveram, mas não demonstram muitos frutos consequentes daquele encontro na maneira como vivem, na sua ética, ou no modo como tratam outras pessoas.

O que significa “produzir frutos”? Como alguém se torna frutífera ou frutífero? A natureza nos ensina algumas lições nesse sentido.

1. Para ser frutífera ou frutífero, é necessário ter as raízes em terra boa

As raízes tiram os nutrientes do solo. Se o solo é ruim, a árvore terá dificuldade de gerar frutos.

O primeiro Salmo da bíblia afirma que a pessoa que tem prazer na lei do Senhor é “como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha...” (Salmo 1.3a).

Nesse tempo de relativismo e grande confusão, para que possamos continuar frutificando, nosso desafio é continuarmos “enraizadas ou enraizados na palavra de Deus”, na doutrina dos apóstolos, “guardando firme a confissão da nossa esperança, sem vacilar...” (Hebreus 10.23).

2. Para ser frutífera ou frutífero, precisamos ter tronco e galhos saudáveis

Boa terra é importante, mas se a base da árvore e seus galhos não são saudáveis, ela não produzirá frutos e, eventualmente, morrerá. Os nutrientes, extraídos do solo pela raiz, precisam permear o tronco e os galhos para que a árvore tenha saúde. Assim, não é correto tentar adaptar as riquezas do evangelho a um estilo de vida equivocado. Ao contrário, nosso estilo de vida precisa se adaptar ao evangelho. O evangelho é orientação e poder para efetuar mudança nas nossas vidas, movendo-nos em direção à santidade. O apóstolo Paulo disse que orava pelos colossenses para que eles vivessem “de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus...” (Colossenses 1.10).

O evangelho é poder para nos mover em direção a uma vida de santi-

dade coerente com os princípios do Reino de Deus, afastando-nos das atitudes que geram morte e destruição, aproximando-nos àquelas que testemunham edificação, saúde e vida.

3. Para ser frutífera ou frutífero, precisamos ser fertilizadas ou fertilizados:

Dizem que uma árvore cresce mais forte quando está no meio de outras árvores. As folhas, os galhos e os frutos que caem no chão transformam-se em poderoso fertilizante.

Na vida cristã, esse princípio também se aplica. Precisamos de outras pessoas para o nosso fortalecimento, crescimento e frutificação. Essa é a importância do processo de discipulado. Estudamos juntos, discutimos, compartilhamos, assumimos o risco de sermos vulneráveis, de conhecermos e sermos conhecidos e conhecidos, oramos uns pelos outros e nos ajudamos. Nesse processo, nossa mente e nosso coração são fertilizados com as riquezas que vêm da vida das outras pessoas. Sem esse tipo de fertilização, nossa vida se torna estática e estéril. Quando nos afastamos das outras pessoas, paramos de crescer.

Frutos de uma vida Santificada

O evangelista Marcos diz que Jesus chamou para si quem ele quis para estarem com ele e para enviá-las ou enviá-los a pregar.

Por três anos, Jesus investiu sua vida naqueles doze homens. Conviveu com eles, desafiou-os e compartilhou muitos ensinamentos. Mas, se resumíssemos os desafios deixados por Jesus aos seus discípulos, diríamos que foram basicamente três: a obediência ao Grande Mandamento (amar a Deus e amar ao próximo); a obediência à Grande Comissão (fazer discípulos de todas as nações); e a preservação da Unidade.

Esses três desafios complementares são para todas as discípulas e todos os discípulos em todos os tempos e em todos os lugares. E na sua vivência, nós produzimos frutos de uma vida santificada.

1. A obediência ao Grande Mandamento

A. Atos de piedade – manifestando o amor a Deus

Para João Wesley, a santificação é um processo de aperfeiçoamento da vida cristã em todos os sentidos. É o crescimento em graça. É nossa aproximação de Deus e de sua Vontade.

Esse processo de aproximação acontece, entre outras coisas, através dos atos de piedade que visam a nutrição espiritual e o fortalecimento da fé. Os atos de piedade manifestam a nossa consagração e submissão a Deus.

Os atos de piedade são:

- Uma vida de oração e comunhão com Deus.
- Meditação contínua na Palavra de Deus como expressão de amor e desejo de conhecer sua vontade.
- Participação da Ceia do Senhor como reconhecimento de que somos parte do Corpo de Cristo e temos compromisso com esse Corpo.
- A prática do jejum – não como instrumento de compra dos favores de

Deus, mas como meio de consagração.

A obediência ao grande mandamento como fruto de uma vida santificada não é um peso na vida da discípula ou do discípulo. Ao contrário, a obediência é uma alegria.

Jesus contou duas parábolas ilustrando isso. Estão em Mateus 13.44-46:

“O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo. O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra”.

O que vemos no texto de Mateus é que os dois homens venderam tudo o que tinham para conseguir o que eles queriam. Frequentemente ouvimos pessoas falando sobre o “custo do discipulado”, como se para se envolver em discipulado tivesse que perder muita coisa. Mas o que percebemos é que esses homens que venderam tudo o que tinham não pensaram que estavam perdendo nada. Eles estavam felizes porque estavam ganhando algo de mais valor do que tudo o que possuíam.

B. Obras de misericórdia – manifestando o amor ao próximo

Wesley insistentemente relacionou santidade com serviço benevolente em favor dos sofredores e menos favorecidos. Para Wesley, uma vida santificada é uma vida através da qual o amor de Deus é derramado sobre o mundo. E o perfeito amor manifesta-se na vida do crente através de seu serviço de compaixão para com o próximo necessitado.

Em seu sermão sobre “Caridade”, ele descreve os passos para o perfeito amor, baseado em 1 Coríntios 13.1-13: “São Paulo começa no ponto mais baixo que é o falar bem, e avança passo a passo; cada passo subindo um pouco mais alto do que o precedente até chegar ao mais alto de todos. Um passo acima da eloquência é o conhecimento; Fé está um passo acima do conhecimento. Boas obras estão um passo acima da fé; e ainda mais acima está o sofrer por causa da justiça. Não há nada mais alto que isso, exceto o amor cristão; amor por nosso próximo, fluindo do amor de Deus” (Citado por Gilbert M. James, “The Sanctified Life” - Wilmore, The Seminary Press, 1968, 17).

Foi isso, entre outras coisas, que Wesley quis dizer quando fez as seguintes afirmações: “não há santidade que não seja santidade social” e “reduzir o cristianismo tão somente a uma expressão solitária é destruí-lo”.

2. A obediência à Grande Comissão

Discipulado– ganhando e cuidando das novas discípulas e dos novos discípulos

Para John Wesley, o mandato de Jesus não era para “fazer convertidos”, mas para “fazer discípulos”, ou seja, mulheres e homens que fossem levadas e levados a uma dimensão de santidade profunda e sempre crescente. Ou, no dizer do apóstolo Paulo, homens e mulheres que fossem “conformes à imagem de Jesus” (Romanos 8.29).

Wesley enfocou essa visão da Grande Comissão em suas orientações aos pregadores Metodistas. Não deviam apenas levar pecadores ao arrependimento. Deviam “edificá-los naquela santidade sem a qual ninguém verá o Senhor”. Wesley estava convencido de que ninguém deveria “sonhar em ser salvo através de qualquer fé que não produzisse santidade” (Wesley, Minutes of Several Conversations).

Fazendo eco a esse princípio básico do movimento Wesleyano, John McClintock (o primeiro presidente do Seminário Teológico de Drew) declarou, no culto em comemoração ao primeiro centenário do Metodismo em 1867: “Nossa missão é levar homens e mulheres à santidade. Nossa pregação é para isso, nossas agências eclesíásticas existem para isso, nossas escolas, nossos colégios, nossas universidades e nossos seminários de teologia existem para isso. Essa é a nossa missão – essa é a nossa glória – esse é o nosso poder, e essa deve ser a base do nosso triunfo”. (Citado por Timothy Smith, “Revivalism and Social Reform” - Nashville: Abingdon, 1957, 137).

3. Vivenciando o desafio da unidade

“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.” (João 17.21)

Falar de unidade em nosso tempo é um grande desafio, é uma urgente

necessidade. Nós devemos saber que a vivência da unidade não é tão simples, mas, quando vivida com sinceridade, torna-se uma bênção para o corpo de Cristo e para o mundo. A trindade santa vivencia esta unidade de forma plena e perfeita e nos desafia a buscá-la nos nossos relacionamentos. Vejamos alguns aspectos desta bênção chamada unidade:

A. A unidade como Força

Há poder na unidade. Conta-se de um pai que, antes de morrer, chamou seus filhos ao redor de sua cama. Entregou uma varinha para cada um deles e pediu que cada um a quebrasse. Assim fizeram com grande facilidade. A seguir, o pai juntou várias outras varinhas, fazendo um feixe, e entregou-as a um dos filhos, solicitando que também as quebrasse, o que não aconteceu, pois estavam unidas e juntas. Então o pai disse aos filhos: “enquanto vocês estiverem unidos serão fortes, se estiverem divididos serão fracos e poderão ser facilmente derrotados frente aos desafios da vida”.

De fato, nossa força está na unidade. Jesus disse que uma casa dividida não prevalece (Mateus 12.25). A divisão enfraquece, fragiliza e destrói a força de uma família, de uma Igreja, de uma cidade ou de uma nação; bem como os propósitos de conquistar benefícios sociais para nossas cidades e nações. O povo unido pode mudar muita coisa. A comunidade unida pode avançar muito em seus propósitos de realizar obras que sejam espirituais ou sociais para a vida em comunidade.

As discípulas e os discípulos viviam em unidade na oração, na comunhão e na solidariedade. Precisamos agir mais como corpo, estar juntos, unidos; ao invés de ressaltar os membros individuais, precisamos valorizar a sinergia que o corpo produz a favor do reino de Deus e dos desafios missionários deste reino e da Igreja.

Há muitos milagres na unidade, e o mundo crerá mais em Jesus Cristo por causa desse testemunho.

B. A unidade como exercício da autonegação

Unidade acontece quando decidimos viver na prática a autonegação. Não é nada fácil negar a si mesmo a favor do corpo, do outro, da ou-

tra, do Reino. Para trilharmos esse caminho, vamos precisar estar mais perto de Cristo. Quanto mais unidas e unidos a Jesus Cristo, mais perto conseguiremos estar da vida da outra pessoa. Isso é plenamente possível pela manifestação da negação do “eu” em favor do “nós”. Enquanto insistirmos na promoção do “eu sou”, “eu posso”, “eu sei”, “eu consigo”, “eu fiz”, em detrimento da participação de Deus e das outras pessoas em nossas ações, conquistas e vitórias, diminuiremos o valor e a importância da unidade em nossa caminhada. Jesus Cristo deixa bem claro sobre qual a posição certa para viver com ele e para servi-lo no mundo: “E chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará”. Marcos 8.34-35. O eu individual, o eu eclesiástico, na verdade, nos afastam uns dos outros.

C. A unidade como intensa vivência do amor de Deus

A unidade da trindade é a expressão maior do amor divino. Onde o amor de Deus flui, a possibilidade de a unidade acontecer será maior.

A entrega da vida pessoal a favor da vida da outra pessoa define bem o tipo de amor que se está vivendo: se de Deus ou de si mesmo. Relacionamentos saudáveis definem o amor e a unidade em uma família ou comunidade de fé. O amor aproxima, não distancia. É solidário, não egoísta. Reparte, não acumula. Perdoa, não vinga. Reconcilia, não divide. Estende a mão, não a encolhe. Percebe a outra, o outro e não passa de largo.

Amor está relacionado à obediência serva. Em João 14.23, Jesus faz a seguinte afirmação: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada”. Portanto, quem ama está sempre a serviço de Deus e das outras pessoas ou, no mínimo, esforçando-se para que isto aconteça. Não podemos negligenciar esta verdade para nossa vida e ministério. Não há dúvida de que Deus habita nos caminhos da unidade; contudo, sua presença manifesta poderá ser mais profunda e real se tivermos uma vivência de unidade amorosa nas diversas áreas de nossa vida. A unidade é a chave para fortalecer a comunhão do corpo de Cristo, de nossas comunidades e famílias. Vi-

venciando a unidade, com certeza, daremos um testemunho maior de quem é Deus em nossa vida. Vidas poderão ser atraídas a Cristo por meio da unidade vivenciada pela Igreja.

Expondo realidades que ferem a unidade da Igreja hoje:

A unidade da Igreja é a vontade de Deus. Mas, a verdade é que, não são muitas, as pessoas dispostas a pagar o preço para ver a vontade de Deus concretizada de forma preponderante no contexto do Corpo de Cristo.

A unidade se contrapõe à divisão, à fragmentação, ao individualismo pessoal e eclesiástico. Infelizmente o que vemos, com certa frequência, hoje é a exaltação do ego, o desejo de ser grande para si, usando disfarçadamente ou descaradamente o nome de Deus para a autopromoção. Poucas pessoas desejam ser discípulas servas ou discípulos servos, mas sim buscam ser donas de discípulas e discípulos.

Sempre combatemos os donos de igreja. Hoje temos que combater líderes que desejam ser donas e donos de si mesmas e si mesmos e se aposam da comunidade para si, sem nenhum remorso. Por acaso as ovelhas são nossas? Nós as dominamos para um fim próprio? Onde está o temor e o tremor pela presença de Deus?

A unidade possui um grande poder, quando exercida como Cristo ensinou; mas, neste tempo, o desejo da fama, da influência, do dinheiro, da manipulação individual interfere diretamente na busca desta unidade de Corpo, idealizada por Jesus.

A unidade precisa ser buscada com amor, seriedade e oração. Eis aí um grande desafio para todos e todas nós. Que Deus nos ajude a caminhar em unidade custe o que custar.

Capítulo 3

Ênfases Missionárias e Objetivos

Ênfases Missionárias

Ênfase 1

Estimular o zelo evangelizador na vida de cada metodista, de cada igreja local.

A Igreja, em função do seu chamado divino, sempre é missionária. O fundamento da missão é a obra reconciliadora de Jesus. Por isso, colocar esta ênfase como prioridade absoluta significa reafirmar que somente a missão justifica a presença da igreja no mundo.

Ênfase 2

Revitalizar o carisma dos ministérios clérigo e leigo nos vários aspectos da missão.

“O ministério pastoral da Igreja Metodista é a categoria eclesiástica clériga na qual reconhece, dentre os seus membros, homens e mulheres vocacionados para o exercício do pastorado e, após sua formação e experiência probatória, os consagra para a Missão” (Cânones Art. 34 – edição 2007). Igualmente, os documentos pastorais definem com muita clareza o papel do ministério ordenado na Igreja Metodista, que tem o seu espaço bem definido na legislação da Igreja, bem como seus contornos próprios.

Este Plano Nacional Missionário destaca: “O ministério pastoral é entendido na visão protestante como um ministério especial, chamado e preparado para zelar pela pura pregação da Palavra, ministrar corretamente os sacramentos, zelar pelas marcas essenciais da Igreja e ainda cuidar da comunidade missionária como um todo, tudo isto como um mandato da Igreja [...] O carisma pastoral não é apenas individual. Ele precisa de reconhecimento e sua integração ao carisma da Igreja como uma dimensão de sua apostolicidade. Esse fato é assinalado de modo visível quando a Igreja ordena para o ministério pastoral. Para isso, a tradição protestante reconhece no ministério pastoral um mandato da Igreja e não apenas individual. No ministério pastoral, não se pode so-

brepor carismas ou qualidades pessoais ao carisma ministerial da Igreja”.

A Igreja Metodista sempre optou por uma eclesiologia focada no Sacerdócio Universal de Todos os Crentes e, por isso, reafirma a importância de uma Igreja configurada nos Dons, Ministérios e Frutos, entendendo que todas as pessoas são chamadas, vocacionadas e enviadas para a missão. Recoloca-se perante os membros o conteúdo da nossa prática ministerial: “Todos os membros da igreja, pelo fato de pertencerem ao povo de Deus por meio do batismo, são ministros do Evangelho, são chamados por Deus, preparados pela Igreja para, sob a ação do Espírito Santo, cumprir a missão, em testemunho, serviço e evangelização”.

Ênfase 3

Promover o discipulado na perspectiva da salvação, santificação e serviço.

Nos últimos anos, a Igreja Metodista tem dado atenção ao Programa de Discipulado. “O Discipulado, à luz do próprio Cristo, fundamenta a comunhão, a convivência, a comunicação e a formação do caráter das pessoas relacionadas com o Senhor e com sua comunidade”.

O discipulado precisa ser compreendido como um modo de ser igreja. Assim sendo, não é um programa para atender o “modismo eclesialístico”. Ao contrário, mergulhando nos estudos do Evangelho, vamos perceber que o discipulado é uma condição para que as pessoas possam seguir o caminho aberto por Jesus Cristo.

Ser discípulo e discípula de Jesus é uma exigência. No início do seu ministério terreno, Ele formou um grupo de discípulos e, igualmente, preparou essas pessoas (formando uma comunidade), para viver a radicalidade do projeto do Reino de Deus, produzindo frutos de fé, misericórdia, compaixão, justiça e amor, à luz do desafio do mandamento do Senhor.

Por isso, o Evangelho de Jesus Cristo, narrado por Mateus, Marcos, Lucas e João, é a base do projeto de discipulado, ou seja, viver como Jesus viveu, perdoar como Jesus perdoou, sentir como Jesus sentiu, intervir como Jesus interveio, caminhar como Jesus caminhou, em obediência aos preceitos do Pai. No caminho do discipulado, Ele confere identidade a cada discipulado ou discípula. Do mesmo modo, transmite as instru-

ções acerca dos desafios e das oportunidades para segui-Lo com alegria e singeleza de coração.

Também o movimento wesleyano impõe uma prática do discipulado focada na salvação, na santificação e no serviço em nossa caminhada cristã. “As classes, como recriação da comunidade de fé, foram o segredo da implantação do movimento metodista”. As classes produziram uma Igreja inserida em sua realidade utilizando uma estrutura de testemunho, mútuo amparo e instrução. Elas tornaram possível o crescimento, não apenas em termos numéricos, mas em qualidade e estilo de vida pessoal e comunitário. Wesley dizia não conhecer religião que não fosse social.

Nessa direção, três movimentos estão sendo conduzidos no discipulado metodista: a) Estilo de vida em que Cristo é o modelo, ou seja, “caminho, verdade e vida”, à luz dos valores da fé cristã e na perspectiva do Reino de Deus; b) Método de pastoreio no qual o pastor e a pastora dedicam maior atenção aos grupos pequenos e promovem dessa forma, relacionamentos mais fraternos e pastoreio mútuo; c) Estratégia para o cumprimento da missão visando a Evangelização e o Crescimento. Nos termos do ensino de Jesus, enviando os seus discípulos (Mateus 10), o discipulado é integrado à Missão da Igreja, mantendo-se sempre a perspectiva da salvação, santificação e serviço.

Ênfase 4

Fortalecer a Identidade, Conexidade e Unidade da Igreja.

É importante deixar claro quem somos e para que existimos, isto é, a nossa identidade. Tal definição deve ser conhecida, acima de tudo, pela comunidade interna. Toda pessoa metodista precisa saber, compreender, praticar e vivenciar essa lição.

As pessoas são, em grande número, levadas por “todo o vento de doutrina”, “agitadas de um lado para outro”. Na verdade, há uma busca intensa de algo que traga às pessoas esperança e vida. No meio de toda essa situação, corre-se o risco de perder a configuração de nossa identidade e o sentido de nossa finalidade – a vocação para a qual fomos chamados/as.

Como parte de nossa identidade, no que diz respeito à conexidade e

unidade da igreja, é preciso estabelecer caminhos e condições para cumprir o que Jesus pediu ao Pai pelos seus discípulos: “E peço que todos sejam um. E assim como tu, meu Pai, estás unido comigo, e eu estou unido contigo, que todos os que crerem também estejam unidos a nós para que o mundo creia que tu me enviaste... para que eles sejam completamente unidos...” (João 17.20-23).

Também o que Paulo solicita em sua palavra à comunidade localizada na cidade de Éfeso: “Preservai a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.3). Seja o primeiro sinal do Espírito a nossa comunhão em acolhimento, amor e tolerância em nossa vivência fraterna e missionária, como Igreja Metodista. “Que a Graça do Senhor Deus, nosso Pai, possa nos conceder uma transfusão do sangue de Cristo à Sua Igreja, oxigenando o nosso ser, de um autêntico sentimento e vivência em amor”.

Portanto, é necessário restaurar a compreensão e interpretação do princípio bíblico-teológico da unidade a partir da Palavra de Deus que destaca o valor do outro e a diversidade que resulta na aceitação, respeito, diálogo, responsabilidade com a criação. Da mesma forma é preciso reafirmar o princípio wesleyano da conexidade como marca fundamental do ser metodista.

Ênfase 5

Implementar ações que envolvam a Igreja no cuidado e preservação do Meio Ambiente.

Entende-se que o exercício da ética cristã deve ser o princípio de toda ação social, especialmente nas relações político-sociais, sempre “estimulando o desenvolvimento de uma cidadania responsável e o preparo para maior participação nas estruturas e processos de decisões” (PVMÍ). Desse modo, a Igreja é desafiada a uma atuação missionária que busque os caminhos da cooperação e solidariedade, sem criar laços de dependência e sem subjugar a pessoa, até então marginalizada e excluída das condições de uma vida digna.

Considerando as atuais condições de vida no planeta Terra – como a devastação das áreas verdes, a escassez de água, o acúmulo de lixo etc. – a atuação missionária, em sua vertente social, também deve “apoiar,

incentivar e participar das iniciativas em defesa da preservação do meio ambiente” (PVMI).

Trata-se de denunciar os pecados cometidos contra o meio ambiente e de defender a natureza como parte da criação de Deus (Gênesis 1). Deve-se, portanto, como Igreja, apoiar e promover ações no sentido da valorização da biodiversidade e da implementação do desenvolvimento sustentável em nosso país.

Ênfase 6

Promover maior comprometimento e resposta da Igreja ao Clamor do Desafio Urbano.

O clamor do desafio urbano é uma ação vital no Plano Nacional Missionário da Igreja Metodista e, evidentemente, deverá ter linhas norteadoras para os ministérios da Igreja nos âmbitos nacional, regional, distrital e local.

O Plano para a Vida e Missão da Igreja (PVMI) sublinha: “há necessidade de conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que os envolvem, o porquê e como ocorrem e suas consequências. Isto inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isto pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante. A missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se com a comunidade e se torna instrumento da novidade do Reino de Deus (Mateus 4.16-24; 2.18-20). À luz do conhecimento da Palavra de Deus, em confronto com a realidade, discernindo os sinais do tempo, a Igreja trabalha, anunciando os dramas do nosso povo”.

O PVMI desafia a Igreja a fazer uma leitura de conjuntura e, igualmente, estar atenta aos sinais dos tempos, a fim de que a mensagem do Evangelho tenha ressonância prática no momento histórico que vivemos. Nesta leitura de cenário, a questão urbana é de extrema importância, levando-se em consideração que os indicadores apontam que cerca de 90% da população brasileira concentra-se nas áreas urbanas. Isto significa que o Brasil, hoje, tem a sua configuração urbana e isto é um fenômeno irreversível. Sem dúvida, a concentração urbana traz no seu bojo os mais

variados problemas estruturais e, conseqüentemente, sociais. Grandes problemas afetam a população urbana em setores essenciais, por exemplo, saúde, educação, habitação, transporte. A dignidade do ser humano, cada dia mais, é ameaçada pela violência estrutural, conjuntural e pessoal, presente nas diversas esferas deste contexto. Verifica-se, ainda, o crescimento do bolsão de pobreza nos principais centros urbanos de nosso país.

Esta rápida consideração é suficiente para alertar sobre a urgente necessidade de uma evangelização que possa focar os seus olhares para a realidade urbana do nosso país. Ou seja, uma mensagem da boa notícia do amor de Deus para a realidade da cidade com seus desafios e oportunidades. Há necessidade de uma pastoral urbana marcada pelo acolhimento e pelo comprometimento com os dramas do nosso povo que experimenta “na pele” as rachaduras de um sistema excludente e sem acesso aos bens fundamentais para uma sobrevivência digna, em consonância com os valores do Reino de Deus. Johannes Blayw afirma que: “a obra missionária é como um par de sandálias dado à Igreja para que essa se ponha a caminho”. As trilhas do mundo urbano exigem uma Igreja acordada 24 horas – a fim de que a prática missionária da comunidade possa ter ressonância frente aos graves problemas sociais decorrentes do crescimento desordenado deste modo de ser da sociedade.

Do mesmo modo, Sérgio Lyra, em seu livro: “Cidade para a glória de Deus” faz uma afirmativa desafiadora: “A Igreja de Jesus não está na cidade. Ela vive a cidade, seus problemas, e também sofre as conseqüências da loucura criativa que a vida urbana pecaminosa produz. Como povo com uma missão, é preciso desenvolver pela cidade o mesmo amor e compaixão que foram vivenciados por Jesus, que chorou ao constatar a perversidade dos seus habitantes (Lucas 13.14). Viver na cidade não significa absorvê-la nem cruzar os braços diante dos seus gigantescos problemas, mas entendê-la, e ao participar de suas redes de criação e relacionamentos, ser o seu sal e a sua luz (Mateus 5.13-16)”.

Espera-se que este eixo missionário possa gerar nas igrejas locais um testemunho vigoroso da graça de Deus em termos de evangelização, testemunho e serviço diaconal, à semelhança de Jesus: “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mateus 9.36).

Objetivos

Onde queremos chegar?

Os objetivos são alvos a serem perseguidos no curto, médio e longo prazo. Devem ser vistos como agentes balizadores das ações operacionais no dia a dia das comunidades e nos diversos segmentos da Igreja. Seguem abaixo os principais objetivos para o presente exercício eclesial:

1. Intensificar o zelo evangelizador;
2. Fortalecer o ministério pastoral;
3. Valorizar o ministério leigo;
4. Disseminar discipulado;
5. Zelar com a criação do Senhor: meio ambiente;
6. Assumir os desafios da urbanidade.

Principais Ações - O que fazer?

Ações relacionadas com o culto

Enfatizar e manter a liturgia do culto. Que os componentes de cada momento litúrgico sejam contemplados, como símbolo da unidade da Igreja.

Ações relacionadas com a Escola Dominical e Discipulado

Investir na Escola Dominical nas igrejas onde já existe e incentivar a criação nas igrejas onde ela ainda não existe, visando ao fortalecimento da membresia.

Dar continuidade à produção de material curricular para Escola Dominical e Programa de Discipulado, por meio da Área Nacional, com aprimoramento constante de metodologias, conteúdos e formas de distribuição, em diálogo permanente com as igrejas locais, para conhecimento próximo de suas demandas, necessidades e desafios.

Melhorar a articulação dos processos de distribuição na e pela Igreja, de materiais missionários produzidos em vários âmbitos, instituições e ministérios.

Ações relacionadas com educação e capacitação

Desenvolver mais material didático com fins missionários, doutrinários e de incentivo ao discipulado.

Realizar pesquisas para uma contínua avaliação do material didático usado na Igreja, a fim de manter o equilíbrio entre as necessidades do povo metodista e as diretrizes e ênfases bíblico-teológicas do Plano para a Vida e a Missão da Igreja e os compromissos expostos neste Plano.

Proporcionar condições para que pessoas da Igreja que têm capacidade e dons particulares no campo da comunicação, da educação sejam conhecidas, se encontrem e se articulem.

Ações relacionadas com comunicação

Despertar a Igreja e estimulá-la a usar os meios de comunicação social (rádio, TV, jornais) em prol da missão, na disseminação da mensagem cristã na perspectiva metodista.

Buscar a viabilidade de um programa de TV realizado pela Área Nacional. Ampliar a estrutura de funcionamento da Assessoria Nacional de Comunicação, permitindo-lhe novas ações e mais visibilidade.

Proporcionar uma linha editorial ao Expositor Cristão de modo a superar a ênfase em informação e trazê-lo novamente ao seu papel histórico como instrumento da unidade, formação e comunicação, visando ao envolvimento da Igreja em missão.

Projetar ações além dos limites locais, numa comunicação integrada, que produza identidade e unidade e, ao mesmo tempo, sendo segmentada, alcance eficientemente seus resultados sem se tornar massificada ou massificadora.

Valer-se de recursos técnicos das instituições de ensino para a produção de materiais e treinamento de obreiros na área de comunicação social, na medida das possibilidades.

Organizar cadastro dos programas e meios de comunicação em uso pela Igreja Metodista, disponibilizando-os. Prover a Igreja local com conhecimentos, sugestões e ideias a serem aplicadas pelos ministérios de comunicação.

Ações relacionadas com o avanço missionário

Iniciar um banco de dados que fomente melhor informação e articulação da Igreja na ação missionária.

Promover intercâmbio eficaz para o conhecimento e uso de materiais missionários produzidos nos diversos segmentos da igreja.

Preparar pessoas leigas e clérigas para o Projeto Missionário da Igreja Metodista.

Ações relacionadas com arte e música.

Dinamizar a atividade musical, inclusive instrumental, como veículo de comunicação do evangelho e celebração do culto.

Criar instrumentos para a compreensão teológica de música e arte que proporcionem a ação pastoral de todo o povo de Deus.

Produzir músicas que reafirmem nossa teologia e herança wesleyanas.

Proporcionar formação de ministros de música.

Aprofundar a pesquisa da hinódia cristã na tradição wesleyana. Integrar a Educação Musical e Artística em programas de capacitação.

Revitalizar o ministério de música e arte na igreja. Orientar a atividade do louvor e adoração na igreja local por meio da música.

Divisão das Regiões Eclesiásticas e Missionárias



REMA Região Missionária da Amazônia - AC, AP, AM, PA, RR e TO.

REMNE Região Missionária do Nordeste - AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN e SE.

1ª Região - RJ (Sul).

2ª Região - RS.

3ª Região - SP (Capital, ABCDM e Litoral Sul).

4ª Região - MG e ES.

5ª Região - SP (Interior) e MG (Sul e Triângulo Mineiro) e MS.

6ª Região - PR e SC.

7ª Região - RJ (Norte).

8ª Região - DF, GO, MT, TO.



 **Igreja Metodista**
www.metodista.org.br